

**SÉRIE VAGA-LUME**



*Eliana Martins*

# **A CHAVE DO CORSÁRIO**

*Ilustrações*

**Hector Gómez**

**ea**

editora ática

A chave do corsário  
© Eliana Martins, 2007

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Gabriela Dias
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Colaboradora	Malu Rangel
Preparadora	Çiça Caropreso
Seção "Almanaque Vaga-Lume"	Shirley Souza
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Alessandra Miranda de Sá e Márcia Leme

ARTE	
Adaptação de projeto gráfico	Carlos Magno
Editora	Cíntia Maria da Silva
Diagramadora	Thatiana Kalães
Editoração eletrônica	Studio 3

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M342c

Martins, Eliana, 1949-  
A chave do corsário / Eliana Martins ; Hector Gómez (ilustrador). -  
1.ed. - São Paulo : Ática, 2007.  
136p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura  
Inclui apêndice  
ISBN 978-85-08-11480-1

I. Brasil - História - Franceses no Rio de Janeiro, 1710-1711  
- Literatura infantojuvenil. I. Gómez, Hector 1953-. II. Título. III.  
Série.

07-4235

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 11480-1

CL: 736027  
CAE: 214754

2019  
1ª edição  
10ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.  
Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902  
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061  
atendimento@aticascipione.com.br  
www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# SUMÁRIO

Em busca de tesouros, histórias e aventuras .....	5
<b>1</b> O fim da linha .....	9
<b>2</b> A onda gigante .....	12
<b>3</b> O início do calvário .....	17
<b>4</b> Medo e solidão .....	21
<b>5</b> Velhos companheiros .....	23
<b>6</b> Fatos e recordações .....	27
<b>7</b> Rudá .....	30
<b>8</b> A palavra no medalhão .....	34
<b>9</b> Surpresa .....	39
<b>10</b> Descoberta .....	43
<b>11</b> Dúvidas e reflexões .....	50
<b>12</b> Deus do amor .....	53
<b>13</b> Caminho da liberdade .....	59
<b>14</b> Caminho da fortaleza .....	62
<b>15</b> De volta ao mar .....	73

<b>16</b>	De bem com a vida .....	77
<b>17</b>	O grande encontro .....	86
<b>18</b>	O grande enigma.....	93
<b>19</b>	A despedida .....	99
<b>20</b>	O reencontro .....	103
<b>21</b>	A chave do corsário .....	114
	Almanaque Vaga-Lume .....	119
	Eliana Martins .....	125

## **Em busca de tesouros, histórias e aventuras**

Você já imaginou que a Baía de Guanabara foi palco de invasões de corsários franceses no século XVIII? Em busca de riquezas, corsários como Gaston de La Salle e Jean Duclerc adentraram mares brasileiros.

O tempo foi passando e a baía se transformou em paisagem de cartão-postal. Isso nos faz pensar que uma das coisas mais incríveis da humanidade é a maneira como a História vai sendo reconstruída. Às vezes, vestígios de tempos antigos surgem debaixo do nosso nariz, o passado se misturando com o presente.

É mais ou menos isso que acontece com o surfista Joni: depois de sofrer um acidente que o leva para alto-mar, ele encontra um medalhão de ouro incrustado numa ilha de pedras. Com a ajuda do avô, do brother Felipe e de Angélica, Joni descobre que o medalhão é herança de corsários franceses.

E essa é só uma das grandes descobertas de Joni: ele vai saber mais sobre a história de Niterói, explorar o Caminho Niemeyer e, de quebra, viver seu primeiro grande amor. Feche os olhos, imagine-se um arqueólogo e boa leitura!

*Para João e Felipe, amigos para sempre.*

*Quando os pátios da velha Fortaleza,  
Como pratos de pedra, abrem-se ao luar,  
Um fantasma passeia; passeia devagar.*

Plínio Salgado





---

# 1 O FIM DA LINHA

**P**ela primeira vez na vida, o tenente Gaston Raymond de La Salle caminhava sem esperanças.

Com a farda em frangalhos, apartado da espada, corpo coberto de poeira e sangue, ele seguia, como prisioneiro, rumo à invencível Fortaleza de Santa Cruz da Barra.

Quantas vezes, na adolescência, La Salle tivera vontade de conhecer internamente as sinistras fortalezas e prisões de seu país, a França.

– *Allez! Allez!* – parecia ouvir os soldados franceses gritando para os prisioneiros seguirem mais depressa, quando passavam, acorrentados, rumo à prisão. Agora era ele quem sentia no corpo dolorido o peso das correntes.

– Anda, francês! – La Salle ouviu um soldado gritar. Sem entender português, limitou-se a fazer o mesmo que os outros prisioneiros: apressar o passo.

Junto com os condenados, o tenente La Salle foi jogado numa embarcação, que seguiu em direção à terrível Fortaleza, de cujas masmorras, diziam, ninguém saía com vida.

Estava muito escuro. Enquanto a embarcação levava aqueles prisioneiros para a morte, na cidade podia-se ver o lume das tochas e ouvir os estampidos das armas. Comemorava-se a vitória dos portugueses sobre os franceses.

Os guardas da barça também atiraram para o alto.

– Fora, franceses! – gritavam, eufóricos.

O tenente La Salle ouvia, calado, aquela alegria toda. O que estaria acontecendo? O que os soldados estariam comemorando?, perguntava-se.

O mar batia, inclemente, no casco da embarcação, levado pelo vento sul. La Salle tentava proteger os olhos com as mãos. Uma única ideia passava pela sua cabeça: fugir.

“Não fossem as correntes nos pés, atacava esse soldado à minha frente e me jogava ao mar. Ia bem para o fundo, até

me certificar de que estava fora do alcance dos fuzis. Então estaria livre”, divagava o tenente.

Mas o peso dos grilhões trouxe-o de volta à dura realidade. Sentiu um aperto no peito. O mar, aquele mar que sempre fora seu cúmplice, sua casa, seu trabalho, agora era o seu algoz; levava-o para a morte.

A barça atingiu o lado interno da barra. Dali, o tenente La Salle pôde ver a sentinela da Fortaleza de Santa Cruz, que observava a chegada da nova leva de prisioneiros.

Era o fim da linha.

De repente, uma chibatada do soldado rasgou-lhe mais os andrajos da farda, arrancando um pedaço da pele.

– De pé! – berrou o homem, fazendo todos os prisioneiros levantarem. – O passeio acabou.

Desesperado, Gaston de La Salle fraquejou. Seria impossível fugir. Nada mais lhe restava a não ser a morte. Com o ombro latejando, seguiu com os outros para o desembarque. Seus olhos marejaram ao lembrar da pátria que não voltaria a ver. Instintivamente, como se ouvisse o hino, levou a mão direita ao peito, em respeito à França.

“Morro, mas morro pela França!”, ia repetir, baixinho, quando sua mão sentiu um volume dentro do casaco do uniforme. Imediatamente, La Salle enfiou a mão no bolso. “O medalhão! O medalhão do almirante Duclerc!”, quase gritou, de tanta emoção, coração aos saltos. “Preciso viver!” Seus olhos brilhavam, os pensamentos tomavam um novo rumo e a coragem se renovava.

Diante de tantas lutas e tanto sofrimento, o tenente La Salle havia se esquecido da missão que seu almirante lhe dera: levar o medalhão de volta à França.

Nunca um prisioneiro havia saído vivo da Fortaleza de Santa Cruz da Barra. Ele seria o primeiro.



ANDA,  
FRANCÈS !!

---

## 2 A ONDA GIGANTE

**A**manhecia. Felipe levantou, num salto, ao primeiro toque do despertador.

– Acorda, Joni! Tá na hora.

João acordou, estremunhado.

– Puxa, parece que eu nem dormi – resmungou.

– Mas dormiu, viu. Eu é que sei. Até da esquina dava pra ouvir seus roncoss. É a última vez que você dorme na minha casa – disse Felipe, bem-humorado. – Vou preparar uma vitamina pra nós, enquanto você levanta.

Os dois garotos eram amigos havia muito tempo. Tinham nascido, crescido e criado amor pelo mar ali mesmo, em Niterói.

Tinham esperado muito por aquela manhã de surfe. Iam tentar entrar na paredão; uma onda gigante que muito raramente aparecia no Costão de Itacoatiara.

A busca pela onda perfeita era muito demorada. Primeiro, porque era preciso ser um surfista mais ou menos experiente, conhecer os segredos do mar; segundo, porque a paredão só se formava de tempos em tempos, quando havia ressaca.

Felipe e João tomaram a vitamina, pegaram a prancha, o resto dos apetrechos e saíram.

O Sol despontava no horizonte.

– Vai dar bom tempo, Lipão.

– Bom tempo não interessa; tem que dar é bom mar – retrucou Felipe.

Mochilas no ombro, os dois amigos caminharam até a praia.

– Puxa!, pensei que a gente ia encontrar a maior galera

– comentou Felipe ao chegarem. – Não conheço um surfista que não esteja a fim da paredão.

– Também, é a onda mais irada que tem por aqui – disse João. – Daqui a pouco eles aparecem. Os caras tão a fim

da onda, mas não é qualquer um que vai conseguir pegar a paredão. Ela é coisa pra macho – continuou João, dando risada. – Você mesmo tá com cara de quem vai desistir.

– Cala a boca, Joni! Ficou louco, cara? De onde tirou essa ideia? Se a gente perde essa, sabe quando vai ter uma paredão de novo? Nem eu.

– Errrrr... foi mau. Eu tava brincando, Lipão.

– Chega de papo-furado e vamos alongar! – resmungou Felipe, ansioso por entrar no mar.

Enquanto os dois amigos aqueciam os músculos, outros surfistas começavam a aparecer pela praia de Itacoatiara.

– Olha lá os manés chegando... não falei? – comentou João. – Tão perdendo o tempo deles, pois se tem alguém aqui que vai pegar a paredão, sou eu.

– Se liga, Joni! Para de falar cretinice e vê se anda logo com essa parafina!

– Tem neguinho chegando só de lycra. Tão querendo se suicidar – disse João.

Os dois amigos havia muito aguardavam aquele dia. Tinham se preparado, sabiam de todos os detalhes e cuidados que deveriam ter para enfrentar aquela famosa onda do Costão. Usar roupa de borracha era a primeira coisa. Em pouco tempo, os dois estavam com a roupa de borracha e as pranchas devidamente parafinadas.

– E se a paredão não aparecer hoje, Lipão?

– Antes da gente sair, entrei no *site* de surfe e vi que as ondas, aqui no Costão, vão estar entre um metro e meio e dois – respondeu o amigo.

– Isso não quer dizer que a paredão vai aparecer – retrucou João.

– Putz, cara chato! Bota zica em tudo. Viemos aqui pra surfar na paredão e precisamos acreditar que pelo menos um de nós vai conseguir – disse Felipe, pondo um ponto-final na conversa.

O Sol apareceu de vez. Era hora de entrar no mar. Como sempre faziam, João e Felipe se aproximaram do oceano molhando as mãos e a testa, num ritual criado por eles.